

FMI e Bird não vão cortar créditos

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — O apelo do Instituto Internacional de Finanças (IIF), que representa 170 grandes bancos privados do Mundo inteiro, não está encontrando abrigo no Fundo Monetário Internacional (FMI) e tampouco no Banco Mundial (Bird). Ele não está sequer ecoando dentro daquelas instituições.

Nenhuma delas está disposta a acatar o pedido de que passem a negar créditos aos países que não estão pagando seus débitos. Dois dias atrás, o Diretor Geral do Instituto Internacional de Finanças, Horst Schulmann, revelou que os banqueiros endossaram uma carta enviada por sua associação ao Fundo Monetário e ao Banco Mundial, sugerindo aquele castigo aos devedores que estão em atraso com seus pagamentos. Ele chegou a acusar o Brasil de promover a cultura do calote, dizendo que apesar de possuir reservas o País insiste em dizer que não tem como pagar, utilizando esse argumento para obter novas concessões dos credores.

Uma resposta oficial só será dada no final da próxima semana, quando estarão reunidos aqui os Ministros de Economia dos 155 países membros daquelas duas instituições. Ontem, porém, porta-vozes de ambas as instituições disseram que o apelo dos bancos não tinha cabimento.

— O Diretor-Gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, deverá falar a respeito brevemente. O que podemos dizer no momento é que o FMI não mudou e não pensa em mudar a sua política. No último



Camdessus, do FMI, anunciará que não pretende punir os países devedores

dia 18, por exemplo, aprovamos um empréstimo à Polônia, que está atrasada em seus pagamentos aos bancos — disse o funcionário do Fundo.

Seu colega, do Banco Mundial lembrou que Horst Schulmann já tinha feito um apelo idêntico em setembro passado, na época da reunião anual conjunta do FMI e do Bird. E a resposta, segundo disse ele, não poderia ter sido mais clara:

— Dois meses depois o Banco Mundial concedeu dois empréstimos ao Brasil, no total de US\$

450 milhões. Um foi para financiar o desenvolvimento do setor privado (US\$ 300 milhões) e o outro foi para a Secretaria de Ciência e Tecnologia.

Segundo o porta-voz do Bird, novos empréstimos estão na fila de espera. Para que eles sejam autorizados dependeria apenas de o Governo brasileiro explicitar as suas necessidades e/ou prioridades.

— É claro que o acordo do Brasil com os banqueiros, em relação ao pagamento dos atrasa-

dos, desanuviou o ambiente. Esse foi um passo na direção certa. Mas não há motivos para que os banqueiros, agora, presumam de que o Governo não pagará seus compromissos no futuro. Se o País não tivesse boa fé não teria resolvido a questão dos atrasados — comentou o funcionário do Bird.

A reação no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) foi idêntica. Hoje, por sinal, sua Diretoria deverá se reunir para aprovar um empréstimo de US\$ 350 milhões ao Brasil.